

ENTREVISTA CONCEDIDA PELA ESCRITORA
ANGELA GUTIERREZ À JORNALISTA LEDA MARIA,
DO DIÁRIO DO NORDESTE

1 — Como nasceu esta vocação de escritora?

Os motivos próximos que me levaram a escrever *O Mundo de Flora* (iniciado a 7 de novembro de 1982) foram uma enfermidade e a minha insônia, direi para susto de algum médico que me lia, congênita.

Em uma noite, entre outras, em que se conqeminaram a insônia e a dor, resolvi levantar-me para escrever e, assim, em seguida noites, escrevi *O Mundo de Flora*.

Na primeira noite, lembro bem, escrevi o começo, trechos do meio e o fim. Depois criei mais episódios e o trabalho maior foi de “carpintaria”, ou seja, introduzir episódios, mudar outros de lugar, verificar o seguimento das ações etc.

E os motivos remotos? Estes estão na menina que lia e lia e lia e sonhava um dia também escrever para outras meninas que lessem e lessem e sonhassem um dia...

E na selva *selvaggia* de labirínticas bibliotecas foi guiada pe'a mão segura de um pai que ainda hoje é a sua enciclopédia do viver e do saber. Assim, a menina que fui e meu pai, Luciano Mota, líamos os mesmos livros e depois conversávamos sobre eles como se comentássemos vivências do nosso dia-a-dia.

Além de ler, a menina ouvia histórias. Três grandes contadores de histórias, o avô materno, dr. César Rossas, a mãe, Angela Lais Pompeu Rossas Mota e um agregado da casa, o velho Barbosa, povoaram a cabecinha ardente da menina com histórias fantásticas, lendas, “causos”, contos

de príncipes e princesas, aventuras de cangaceiros, histórias da memória familiar.

Assim, aos dez anos, não vacilou ao responder no colégio, à clássica pergunta com que se iniciava um questionário: o que você quer ser quando crescer?

A natural resposta foi: escritora de livros maravilhosos.

Dois ou três anos depois iniciei uma redação no Colégio com as palavras: Naquele casarão sombrio onde passei os primeiros anos de minha vida... Exatamente as mesmas palavras com que a personagem Flora começa a relembrar a sua história.

Quando estudante do 2º grau, lembro que incentivados por nosso professor de português, vários alunos começamos a escrever um livro em dez capítulos. Optei por escrever crônicas da memória familiar. O título era *DA VIDA, DEZ RETALHOS*.

Acho, porém, que o fato de ter estudado literatura na Universidade e me ter transformado em professora de literatura, aliado a um exigente espírito crítico que sempre me acompanhou, acuou durante anos qualquer veleidade literária que eu pudesse ter.

Desde a adolescência faço versos mas somente agora, depois de ver a boa receptividade com que *O Mundo de Flora* foi acolhido por críticos a quem submeti este livro, ousei recolhê-los em coletânea com o título de *Canção da Menina*. Mostrei-os aos poetas Artur Eduardo Benevides, Horácio Dídimo e Sânzio de Azevedo que me incentivaram a também publicá-los.

O próprio *O Mundo de Flora* dormiu anos na gaveta até que, por insistência de meu marido Oswaldo Gutiérrez e de meu sobrinho Augusto César Mota, eu me animasse a mostrá-lo a pessoas ligadas à literatura, saindo do circuito familiar. Depois que Sânzio de Azevedo, Horácio Dídimo, Dina Aquino Avesque, Emília Pacheco, Nádia Gotlib, Luiz Tavares Junior, Aderbal Jr., assim como os mestres e amigos Artur Eduardo Benevides e Moreira Campos convenceram-me que o livro merecia vir a público é que me animei a inscrevê-lo no concurso Prêmios Estado do Ceará e a entrar em contacto com editoras para cuidar de sua publicação.

2 — Qual a sua temática predileta e qual o melhor horário para a criatividade?

Tanto no livro *O Mundo de Flora* como na coletânea de poesias *Canção da Menina* é perceptível o tema da perda: a infância perdida, os sonhos não realizados de um Brasil-Grande (“Esse país de opereta bufa não é aquela pátria de minha epopéia sonhada”), a perda do filho (“mas o bebê/já não chora, nem ri, nem dorme, nem acorda / e no peito da mãe/ nasce um grito/ que a boca não sabe gritar”), a perda da saúde (“Silenciem artrites e companhia limitada, sinovites, tendinites, bursites. Nem parece, Flô; eu te dava, no máximo, vinte e oito. Minha radiografia é meu retrato do Dorian Gray, guardado no sótão”). Ao mesmo tempo, no entanto, há o resgate da infância (como escreveu Moreira Campos: “Flô tem um permanente encontro com a infância”), da memória individual e familiar e, mesmo, da cidade e do país (Passeio Público, Coluna da Hora, Hora do Brasil, a morte do Getúlio, Maracatu, 25 de agosto de 1961, 1º de abril de 1964) além do resgate do falar cearense dos costumes, das brincadeiras infantis, dos “causos”, das anedotas.

Como desenvolvimento do tema da perda, há o tema da incapacidade de criar (“O mal-estar indefinível que sentia ao ler *Cantiga de Esponsais* aquele já procurava... Mergulhava aquele Jordão sem sair batizada”).

Como sofro de insônia desde criança, pude escrever quase todo *O Mundo de Flora* à noite. As vantagens de escrever à noite são conhecidas: o silêncio que permite maior concentração (o telefone que não toca, as crianças que não chamam etc).

A maior desvantagem é o fato de ter de enfrentar o dia seguinte de trabalho com o corpo e a mente cansados.

O ideal seria dispor de um horário determinado para escrever como o fazem os escritores profissionais (pode-se ver nos depoimentos de Vargas Llosa, García Márquez, Austran Dourado, Nérida Piñón, entre outros) que se organizam de forma a escrever durante a manhã e cuidar de outros assuntos à tarde.

Como não sou escritora profissional, escrevo quando posso, quando meu trabalho na Universidade e em casa me dão tempo. Às vezes, apenas anoto uma palavra, uma idéia, uma cena, para depois desenvolvê-los.

Quanto aos poemas, geralmente a idéia fica rondando na cabeça e, de repente, quase como na concepção romântica de inspiração, o poema surge pronto e a angústia maior é encontrar rapidamente o lápis e o papel para não perdê-lo.

3 — Qual a relação entre a mulher e a literatura?

A mulher tem sido no transcurso da civilização um repositório. Como Maria que guardava todas as coisas em seu coração, a mulher tem guardado o seu conhecimento do mundo e, ao contrário do homem, pouco tem revelado desta luz que dentro de si encerra.

No passado, apenas algumas mulheres ousaram ou lograram dar à luz seus escritos, como soror Juana Inês de la Cruz, George Sand, Virginia Woolf, Colette, Gabriela Mistral, Florbela Espanca, entre elas.

Hoje em dia, a mulher vem conquistando o direito de não necessitar da estrela da genialidade ou de uma especial conjunção dos astros para ser reconhecida no campo das artes, da literatura, das profissões liberais, dos negócios, do trabalho.

Na literatura brasileira, mulheres como Marina Colasanti, Nélida Piñon, Adélia Prado, Lúcia Fagundes Telles e, antes delas, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, entre outras, já mostraram que têm o que dizer e sabem como fazê-lo dispensando a condescendência masculina.

A mulher hoje quer correr todos os riscos de uma concorrência livre, com o direito à linguagem, aos temas e às técnicas que o seu fazer literário exige.

Não confundamos o estilo melosamente “feminino” que as mulheres de ontem se impuseram (como resposta à concepção de mulher da época) com a chamada literatura da mulher que hoje conquista leitores e cria espaços entre os temas de congressos e simpósios literários. Existe mesmo um Grupo de Trabalho da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Lingüística e Letras), denominado Literatura da Mulher e coordenado pela Profª da USP e da UFMG, Nádya Batella Gotlib que vem buscando identificar os novos caminhos que a literatura produzida pela mulher está percorrendo.

Na minha opinião, mais do que ser literatura da mulher, a literatura que a mulher moderna produz quer ser a literatura do ser humano.

Um conhecido símbolo da mulher ficcionista é Sherazade, das Mil e Uma Noites, que se manteve viva contando histórias, conquistou o direito à vida através da arte de contar histórias (lembro a este propósito uma bela comunicação da profª Adélia Bezerra de Menezes, da UNICAMP, em congresso da ANPOLL, na qual comparava Sherazade a Penélope, ambas tecendo o próprio destino).

De certa forma, este tema está presente em *O Mundo de Flora*. Atentemos para o fato de que um dos grandes dramas da personagem central é o de não poder criar, ou de acreditar que não pode ou não sabe criar literariamente: "Esses rabiscos não são a minha lira em devaneios vislumbrada".

4 — De que trata *O Mundo de Flora*? E quais as próximas publicações?

Mas que história é essa história, você parece perguntar como as meninas de *O Caso do Vestido* de Carlos Drummond de Andrade perguntaram à própria mãe: "Minha mãe, que vestido é esse vestido pendurado naquele prego?"

Pois vou tirar do prego a história de Flora e temo decepcioná-la. Como diz Autran Dourado: "A história não foi feita para ser resumida e sim narrada" — É simplesmente a história de uma mulher de trinta e três anos — Flora — que visita o mundo de sua infância: seus medos, suas brincadeiras, seus pensamentos, seus sonhos, seus livros. E depois a história do que tudo isso se transformou em sua vida.

Mas é difícil destacar a personagem de seu mundo. Flora vê seu mundo porque o rememora e se vê no mundo que rememora.

A estrutura do livro é, pois, determinada por este fato: Flora diante do espelho e do espelho de papel (que é a sua escrita) retoma sua infância, adolescência e, ao final, retorna à mesma cena, numa estrutura circular.

A multiplicidade de pontos de vista, as histórias narradas, os diálogos permitem uma alternância de tons no livro que podem levar o leitor do riso à lágrima. Quem chamou atenção para o fato foi Sânzio de Azevedo: "Notável um processo tentado já hoje por muitos e que, sendo defeito nos neoclássicos, foi uma das virtudes máximas de Chaplin:

a mistura do cômico ao trágico (ou melhor, a alternância), com o contraste entre momentos extremamente engraçados (as várias anedotas, como a da Miss Colbert e outras) e passos brutalmente tristes, como o da morte do 'pequeno quechua' ". Belo e pungentíssimo o trecho em que os tufos do capim evocam os cabelos do filho, capineiro de meu pai etc".

Como disse anteriormente, cuidarei primeiramente da publicação de *O Mundo de Flora*, no Rio (aliás, com a possibilidade de coedição envolvendo a UFC, a Secretaria de Cultura e uma editora do Rio). Posteriormente, tratarei da publicação de *Canção da Menina*, o que somente decidi depois da bela carta que sobre esta coletânea me escreveu o poeta Artur Eduardo Benevides.

Tenho outros planos, também, de publicação de ensaios sobre ficção hispano-americana e da minha tese de mestrado.

5 — Para você o que representa o ato de escrever?

Quando comecei a escrever, não escrevi pensando em ser lida e publicada.

Escrevi porque senti a necessidade de me expressar através da palavra escrita. Tanto é verdade que tenho poemas escritos ao tempo de estudante e que não cuidei em publicar. Da mesma forma, *O Mundo de Flora* foi escrito em 82 e somente agora comecei a divulgá-lo.

A questão do gênero da criação literária é muito complexa.

Se ao escrever não penso porque estou escrevendo, em um momento como este em que você me pergunta o que representa para mim o ato de escrever, tenho que racionalizar meus sentimentos a esse respeito.

Escrever para mim é liberar demônios, uma catarse?

Às vezes, sim. Quando escrevi *O Mundo de Flora* estava doente e, de certa forma, o ato de escrever me ajudou a superar o desânimo natural que acompanha uma doença mais demorada.

Mas não é tudo. Escreverei por prazer, para dar vazão à imaginação? Quase sempre, sim.

Às vezes leio depoimentos de escritores que se confessam angustiados durante a criação de um livro.

Até agora, para mim, o ato de escrever se envolve sofrimentos porque faz com que reviva ou viva pela primeira vez momentos dolorosos, não é, no entanto, uma experiência desagradável. Ao contrário, emociono-me, sinto-me, diria mesmo, feliz, acho que com a mesma sensação de um artesão que constrói sua peça ou de uma doceira que faz seu bolo e o olha como se olha um filho.

Mas, além de tudo, escrevo sabendo que escrever é um dom que precisa ser cultivado para crescer e uma missão a ser aceita com simplicidade.